

## A POESIA DE JOSÉ JORGE LETRIA OU O LABIRINTO SEM MINOTAURO

*Nem sempre escapamos na fuga,  
tão pouco na ilusão da fuga. [...]*

Jorge Letria in *Cesário: Instantes da Fala*

*Era assim a ficção: a teia apertada  
em que as personagens definhavam  
à mingua de luz, à mingua de voz.  
Era a fala a consumir a própria fala,  
a engolir, voraz, o narrador.*

José Jorge Letria in *Quem Com Ferro Ama*

Autor de uma vasta e diversificada obra para a infância e a juventude, ficcionista – a escrever frequentemente na fronteira arriscada entre a poesia e a prosa –, dramaturgo, numa palavra, autor de muitas escritas (incluindo a jornalística), José Jorge Letria é um poeta em desacerto com o tempo que lhe coube, mas não em desacerto com o tempo luminoso da Antiguidade Greco-Romana e com os seus mitos, presença recorrente no seu universo poético.

Insinuante construção de planta complexa, no seu doloroso, assumido e singular jogo heteronímico («Eu sou muitos com um só rosto./ Não tenho como tu, Fernando [...], uma identidade/ plural, um leque de nomes a abrir-se,/ imenso, em direcção à luz»<sup>1</sup>), no seu entrecruzado de

---

<sup>1</sup> J. J. LETRIA, *O Fantasma da Obra I. Antologia Poética (1973-1993)*, Lisboa, Limiar, 1993, p. 183. A esta colectânea se referem as citações de poemas publicados até 1993. Para a poesia editada entre 1993 e 2001 segue-se a antologia poética *O Fantasma da Obra II*, com estudo

vozes e vultos – evidências confusas de figuras que, de um modo geral, são chamadas ao palco de um revolto teatro de sombras onde o “eu” encena e se encena –, no seu entrelaçado estreito de caminhos, datas e lugares, a poesia de José Jorge Letria ergue-se como um labirinto textual (não estivéssemos na presença de uma figura avessa a geografias simétricas e a itinerários lineares) que tem como centro as grandes temáticas da lírica universal: o amor, a morte, o tempo e a fugacidade dos dias, a vanidade, o inane, o inquieto estar no mundo e a palavra que o diz. Decerto, dos poucos centros facilmente alcançáveis numa obra, tomada no seu todo, a que David Mourão-Ferreira, no prefácio a uma das colectâneas poéticas do autor, se referiu como desnorteante, ou melhor, e em bom rigor, “de tão desnorteante diversidade”<sup>2</sup>.

Diante da profusão de páginas de uma obra em que, não raro, poesia e prosa não demarcam os respectivos territórios com nitidez, diante do nunca aplacado desdobramento do “eu”, a revelar uma personagem biograficamente identificável (embora seja questionável que certa sinceridade posta na cena poética ofereça os dados que permitam falar de “auto-retrato” nesta poesia: «Existo tangencialmente ao que digo» – II, 396), os pontos de referência turvam-se e ocultam-se, fugindo o fio de Ariadne das mãos do leitor, desafiado a encontrar na sua obra poética uma ordem onde, aparentemente, só há (con) fusão, inquirição e enigma:

---

introdutório de José Augusto Seabra, Lisboa, Hugin, 2002. Doravante, e tendo por base um critério de comodidade de leitura, ambas as colectâneas serão citadas no corpo do texto com a indicação de I ou II, consoante o caso, seguida do respectivo número de página. Os poemas saídos entre 2001 e 2006, e bem assim para os que não figuram nas antologias, são igualmente citados no corpo do texto com a inicial correspondente ao livro em se incluem, seguida da indicação do número de página. Assim: *A Metade Iluminada e Outros Poemas (MI)*, Lisboa, Ulmeiro, 1998; *Manuscritos do Mar Vivo (MMV)*, Porto, Granito Editores, 2000; *Não Há Poetas Felizes (NhPF)*, Lisboa, Índicios de Ouro, 2006.

<sup>2</sup> D. MOURÃO-FERREIRA, prefácio a *Cesário: Instantes da Fala*, Lisboa, Editorial Caminho, 1989.

«Em nenhum teatro me quero representado,/ que a minha máscara é a do tédio e da fadiga./ Estou cativo de um tempo alvoraçado/ em que tudo é interrogação e dúvida» (II, 59).

Percorrer os meandros de uma poesia que corre, clara e torrencial, fora das capelinhas literárias e longe dos exercícios de estilo («Estilo não quero fazer, não sou capaz,/ faltam-me os andaimes, as ferramentas, a destreza/ no manejo dos seus fios ocultos» – I, 110), pode revelar-se tanto mais assustador, quanto verificamos que ao anterior traçado labiríntico vem juntar-se uma ampla galeria (e uma galeria é também uma compilação de escritos biográficos, que aqui não dispensa nem o fio da memória, nem a componente subterrânea) de quadros<sup>3</sup> e retratos. Retratos dos desvãos da infância; «retratos de família», obsessivamente perscrutados; retratos pulsantes a que o tempo retirou nitidez (e sentido): «Éramos nós naquele tempo?/ Era eu neste retrato?/ que sei que eu que tão pouco?»; «retratos coloridos das madrugadas de festa» (*NhPF*,14), mais raros, sobretudo quando comparados com os «da aflição a preto e branco,/ os da minguada esperança, tão parca» (*NhPF*, 14); amarelecidos corpos ovais que preenchem a solidão das noites. A todos estes vem juntar-se o “auto-retrato” do “eu” («retrato-me em mágoas»), frequentemente absorvido em cálculos de balanço dorido, a deixar perceber por que *Não Há Poetas Felizes* (2006):

*É minha e só minha a culpa*

---

<sup>3</sup> Lançando mão da dinâmica de imagens e emoções que um recurso como a *ekphrasis* possibilita, numa opção que retoma as tradições especulativas e cultas da poesia de língua portuguesa, em *Os Oficiantes da Luz* (1991) e no ainda inédito *Sobre Retratos* (obra que recentemente recebeu o Prémio Nuno Júdice), o Autor faz desfilar pintores célebres, sob um cenário histórico-social e artístico, composto com utensílios verbais de perscrutação que permitem ao sujeito poético falar distanciadamente de si e ao leitor abeirar-se do rosto múltiplo de quem escreve.

*de quase tudo o que me fustiga:  
vivi de mais, amei de menos,  
escrevi de mais, esperei de menos (NhPF, 24)*

Dir-se-ia que o universo poético de José Jorge Letria, no seu enrodilhado de linhas temáticas e motivos preferenciais (a prestarem-se a desenvolvimentos sobre os vasos comunicantes entre vida e escrita), é muito mais o novelo da desolação em que Ariadne acabou por enredar-se, que a solução em forma de caminho a oferecer-se ao leitor. O poeta, de resto, parece apostado em lançar a confusão. Se há momentos em que apresenta ao (apreensivo) leitor «Tudo Sobre o Mistério da Escrita»: «Eu estou dentro e fora de mim ao mesmo tempo,/ enredado na trama de uma escrita/ que tudo dirá sobre quem escreve» (II, 421), outros há em que, anunciando a revelação – «O Que Sou E O Que Escrevo» –, o oculta (e se oculta), num exercício de fingimento e contradição, próprio, de resto, de quem está convicto de que «as perguntas são muito mais tentadoras/ que as respostas» (NhPF, 45): «Não tentem saber o que sou pelo que escrevo./ Não me interpretem mal pelo que não digo./ Eu só confesso o que posso confessar» (NhPF, 67). Como quer que seja, a verdade é que o próprio, restringido à «solidão nocturna de mapas» que não registam centro ou saída, parece não estar na posse da chave do enigma:

*Quem de mim souber mais do que eu sei  
que me faça objecto de ficção  
ou enredo labiríntico de uma outra poética. (I, 106)*

Baixemos ao labirinto.

«Aqui todos os rumos vão dar ao coração da luz» (II, 25) – lê-se num verso de um dos poemas iniciais do volume *Capela dos Ócios* (1993) que bem poderia sintetizar a orientação de uma poesia marcada pel’ *A Tentação da Felicidade*. Nela se multiplicam sinuosos percursos, por vezes circulares, a expressar a dificuldade, a inacessibilidade, senão mesmo a inexistência de um centro, sempre perseguido – o «âmago da luz», o «núcleo faiscante do mistério», o «núcleo sonoro/ em que toda a voz inexoravelmente se gera» (MI, 23), capazes de apontar razões plausíveis para a impossibilidade de o poeta se representar absoluto, de iluminar o sentido da existência humana, de explicar os «assombros do mundo» e de assegurar, a cada livro, o encontro sempre renovado com a poesia, corroída pelas feridas várias de que é feita a vida deste poeta<sup>4</sup>, sem cessar assumida – poeticamente assumida – como êxtase inexplicável.

É frequente encontrarmos o autor de *Mágoas Territoriais*, livro com que se estreava em 1973, ora *enleado* «numa teia de sons/ em que já quase nada faz sentido» (II, 304), cumprindo a sua vocação de «oficiante do verbo»: «Pertença a esta arquitectura abobada para a perfeição do verso, rendilhada para o êxtase dos sons» (*NhPF*, 60); ora deambulando «como o pintor no labirinto das tintas» (II, 32), a unir as linhas do seu rosto múltiplo e a traçar, a branco e melancolia<sup>5</sup>, rumos que levam, as mais das vezes, a aguarelados lugares vivenciais, com pontos de chegada e de partida, dominados por forças e intensidades humanas<sup>6</sup>; ora enredado em sombrios círculos interiores, a analisar os nós (e os outros) do fio da[s] sua[s] vida[s]: «Fui outros, confesso, públicos e sonantes/ todos eles, antes

---

<sup>4</sup> Veja-se o estudo de Júlio Conrado, *O Som e a Dúvida – ensaio sobre a vida e a obra poética de José Jorge Letria*, Lisboa, Hugin Editores, 1999.

<sup>5</sup> *O Livro Branco da Melancolia* é justamente o título de uma colectânea de poemas, publicada em 2001.

<sup>6</sup> Vide, por exemplo, *Senhor Pessoa, Chegámos a Cascais*, Lisboa, Ulmeiro, 1997.

de ser este que agora/ se acolhe na mansa morada do texto/ arduamente cercado de metáforas» (MI, 59); ora ainda a desenrolar o irreversível fio da morte, figura omnipresente na sua página poética, dominada por uma escrita assumidamente «voraz e labiríntica» em que sobressai a mesma entrega – sempre apressada – que reconhecemos a Teseu:

*Isto é o que escrevo sem motivo,  
sem prazo, sem objectivo visível,  
correspondendo a um impulso brutal  
que abre as comportas à torrente da escrita.  
Este é o meu método, confesso.  
Não ando a juntar poemas, um aqui outro acolá,  
como as galinhas juntam bagos de milho.  
Tudo me sai violento e natural, assim,  
como o caudal de um rio sem rumo  
inundando campos férteis (NhPF, 49)*

As pistas – lexicais, imagéticas, discursivas – que conduzem à ideia de um périplo feito de risco, de enganos de uma personagem, de projecção autobiográfica, que não se sustenta no espaço teatral que se abre entre pólos tensos (vida/morte; começo/fim, epílogo ou saída de cena; luz/sombra), insinuam-se generosamente nas malhas do tecido poético e manifestam-se desde os livros mais antigos aos mais recentes. *Manuscritos do Mar Vivo*, livro com um título de ressonância corrosiva, amplifica e aprofunda a temática da errância, por vezes em círculo:

*Sou o que me persegue e me envenena,  
pois tudo começa e acaba  
no círculo avassalador em que me movo (MMV, 56)*

Se excluirmos a paixão imensa pela escrita, anel de fogo que cerca «a mão que ousa verso» (II, 124), que cinge o “eu” ao livro em clima de forte envolvência afectiva, que encerra tragédias de ausência que os enredos verbais da sua poesia sublinham e onde se sente trepidar, quer a «máquina da escrita», quer a do fingimento, comandada por «um homem/ fragmentado em cada verso, disperso,/ uma existência fulminada em cada sílaba» (MMV, 49), o mais relevante círculo onde se move José Jorge Letria é o palco – labirinto raso, de solo exausto, em que ruíram os muros dos corredores da unidade e do absoluto, a “enquadrar” a sua própria representação dramática, à procura de um final feliz:

*Num grande teatro antigo  
é que eu gostava de me representar:  
tantas máscaras quantas fossem precisas  
para levar ao engano toda a escrita  
em que se estriba a fala dos actores.  
Quero ser a derradeira personagem  
de um enredo circular e enleante. (II, 309)*

A dificuldade de acertar com a saída condu-lo, por vezes, a caminhos poeticamente pouco correctos. Porquê? – é legítimo perguntar. «Porque sim» (NhPF, 23):

*Um dia destes apeteceu-me ligar para mim  
para saber como iam as coisas cá por casa.  
Mas não o fiz. Não por temer  
que a minha sanidade pudesse ser questionada  
e sim para não receber uma resposta evasiva  
ou um comentário sarcástico.*

*Comigo, eu sei com o que posso contar. (NhPF, 25)*

Poesia «tão sôfrega de ar e de luz» (*NhPF*, 16) ela é, à semelhança do labirinto clássico, e sob o ponto de vista temático, um lugar marcado pela clausura e pela obscuridade. É à noite que encontramos o poeta seguindo o curso taciturno da «miséria moral do nosso tempo» e o da vida una e triunfante que não se pôde cumprir.

Os espaços onde o poeta se tranca, ora para se perder nas malhas que a clausura tece, ora para brevemente se encontrar, são múltiplos, dos mais comuns aos mais invulgares, passando pelos inusitados: o rangente «armário azul da infância» e as caves escuras da adolescência, onde se revivem as dolorosas aprendizagens que elas exigem e de onde nos chegam dilaceradas *notícias da sua ausência*; o interior do ser: «Pudesse eu imitá-los [aos gatos] no salto,/ uma vez só que fosse, e saltava/ para dentro de mim» (*MMV*, 10) / «Eu vivo atormentado por este medo de fugir/ e quando fujo é sempre/ para dentro de mim que vou» (I, 177); os livros<sup>7</sup> ou a «casa dos livros», lugar pulsante, onde se recolhe como se fora o «último reduto»; uma gaveta; um casulo de penumbra feito do «fio com que se tece

---

<sup>7</sup>O Livro, que adquire uma importância fundamental no universo poético de José Jorge Letria, de um modo geral, não é o suporte material particular da escrita, o simples objecto portador/símbolo do saber que tem como função essencial ser lido, e, portanto, eventual objecto de prazer. Num afastamento da tradicional forma de o pensar, na sua natureza e funções, o livro assume-se como um lugar, simultaneamente de desafio e perdição, onde o poeta se lê e relê. Curiosamente, também concebido como um espaço labiríntico onde teme perder-se: «Os livros pedem-me que não os escreva/ porque temem que eu me perca neles/ de tal forma é voraz e labiríntica/ a pressa com que me derramo no que escrevo» (*NhPF*, 22).



a ciência dos meus erros» (I, 243); a pequenez de um bolso («das moedas sem valor») que se «fecha [-se] por dentro para me/ sufocar, para me furtar a luz, para me arrebatat o ânimo e a raiva»; uma lágrima, «ampola de orvalho e sal» (*NhPF*, 13).

Mas mais do que a sua própria reclusão, que é, ela própria, um doloroso lugar de confluência de experiências várias que em conjunto formam o sistema de coordenadas da sua meditação especulativa e existencial, é a reclusão da poesia que mais parece doer-lhe. «A Escrita Reclusa» é justamente o título do poema que serve de limiar ao volume *Manuscritos do Mar Vivo*:

.....Hoje o que tenho  
é horror de mim quando a escrita  
me abandona, me ignora, quando desdenha  
de mim e se deixa ficar, reclusa,  
nas gavetas do meu esquecimento,  
para eu sofrer como um cão enquanto vivo. (MMV, 9)

Lembre-se, no entanto, que este labirinto poético não é um espaço sem fissuras nem saídas praticáveis. *A Metade Iluminada*, livro cujo título encerra um programa dialéctico, falar-nos-ia suficientemente de um celebrado «pacto com a claridade».

À semelhança do labirinto da tradição clássica, a entrada no edifício poético que, livro a livro, José Jorge Letria tem vindo a construir com arte e engenho, faz-se por uma porta única: a da “fascinação a que a leitura nos arrasta, se a ela também nos entregarmos, no cerimonial sagrado de uma

celebração”<sup>8</sup>. Numa escrita em que o excesso é a medida, sem tempo para detenções ou limiares – tal é a pressa «com que me derramo no que escrevo (NhPF, 22) – o leitor, (entre)abertas as «portas que dão para o vazio das grandes ausências» (II, 281), é levado ao sabor apressado do poeta, convertido num irracional Teseu ou, talvez melhor, em Minotauro de si mesmo. Esta «terrível vocação animal» expressa-se, no fragmento que se segue, por meio de fortes tonalidades semânticas e vigorosas sonoridades que se coadunam com a impetuosidade do movimento do discurso:

*Aventuro-me em cada novo livro  
como se me lançasse num safari interior,  
perseguinto a fera que não sou,  
a sombra do que mais temo,  
o uivo ou o urro que mais me amedronta (NhPF, 24)*

A ferocidade, por vezes uma «violência subtil», é uma das facetas desta poesia, a manifestar-se, sobretudo nos livros mais recentes, por meio de uma ironia ácida e do sarcasmo, que escondem mal certas fissuras abertas.

Ausência notada nesta poesia é a do monstro ameaçador e violento que domina o imaginário ocidental, numa desarrumação do mito nos seus componentes habituais. Frequentemente tratado na poesia portuguesa contemporânea, com inegáveis constantes e com nítidas diferenças que decorrem de um modo distinto de elaborar textualmente os materiais

---

<sup>8</sup> José Augusto Seabra, «José Jorge Letria ou a celebração da escrita»: José Jorge Letria, *O Fantasma da Obra II. Antologia Poética (1993-2001)*, Lisboa, Hugin, 2003, p. 18.

míticos herdados do mundo clássico, o tema do labirinto<sup>9</sup> é tratado com a singularidade que marca a voz deste poeta:

*No meu labirinto não há Minotauro  
nem poetas perseguindo o fio de som  
que os conduza ao âmago da luz .  
O meu labirinto não é o de Borges  
nem o dos efabuladores do fantástico:  
começa no sono e acaba na vigília  
alimentado por todas as tensões  
que me retesam os músculos e arrasam  
os nervos. [...]  
O meu labirinto é um lugar  
habitado pelo espanto e pela dúvida.  
Quem nele se adentra não pode buscar paz,  
pois nos seus diligentes caminhos  
é a vida inteira que se joga. (II, 314)*

Definido que fica, pela negativa, o labirinto em análise – uma representação tumultuosa do ser interior –, o poema segue o caminho que lhe traçou a vocação de José Jorge Letria: o excesso e o desassossego.

A ausência do monstro clássico não faz deste espaço poético um espaço menos arriscado nem de busca e inquirição menos sobressaltadas, até porque outros, não menos nocivos, lhe tomaram o lugar: a morte, disfarçada de «animal grave e predador» (I, 103) que, no seu ímpeto indomável, se acercou da *árvore familiar* do poeta «golpeando-a com as suas tesouras fulgurantes/ e os seus ataques implacáveis» (I, 125); o tempo,

---

<sup>9</sup> Vide José Ribeiro Ferreira, «O tema do labirinto na poesia portuguesa contemporânea»: *Humanitas* 49 (1996) 309-333.

obstinado devorador, sempre presente; o presságio, tal como é descrito, «um animal rasteiro, voraz e enleante» (I, 114); a descrença em que se consome: «Se Deus existe, fez-me sem fé,/ inapto para a crença e para a bondade da prece./ Infelicidade a minha» (II, 407); o medo, esse «animal tormentoso e perscrutante» (MMV, 41) que o autor ousa *apunhalar* no poema que abre a última obra poética publicada.

A todos estes monstros vem juntar-se a poesia – insaciável monstro amado a alimentar-se da própria fome do poeta: «eu preciso da poesia como de pão para a boca» (*NhPF*, 22). Se há momentos em que o processo decorre em lenta agonia («As vidas que vivi antes desta/ que vai mirrando comigo livro a livro» (*NhPF*, 25) / «Esvai-me em falas solitárias» – II, 304), noutros, e porque «nem sempre o livro ama quem o escreve./ Muitas vezes amotina-se, animal exasperado» (II, 126), tudo se passa de modo mais rápido – e fatal:

*O livro por vezes devora a mão que escreve,  
come por dentro a luz que o inventa  
e assim se torna letal e voraz  
com um gume de aço sobre a página  
e outro de vidro a fustigar as sílabas. (II, 126)*

Como o poema anterior, em particular, e a obra poética, em geral, se aplicam a demonstrar, o labirinto de José Jorge Letria não é um espaço de irremediável perdição, mas um lugar vital (onde os contrários se tocam) em que domina a arquitectura da pergunta («Morrerei perguntador» – II, 31) e da dúvida, a não deixar, a «quem nele se adentra», outro caminho que o do recomeço. Voltas em círculo, nunca perdidas.

TERESA CARVALHO